

TRADIÇÃO E MODERNIDADE EM VERBO ENCARNADO, DE  
ROBERTO PONTES

TRADITION AND MODERNITY IN VERBO ENCARNADO BY  
ROBERTO PONTES

Fernanda Maria Diniz da Silva<sup>1</sup>

 0000-0001-9637-6587

Enviado em: 14/12/2023

Aceito em: 12/02/2024

Publicado em: 09/11/2024

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar os poemas de *Verbo Encarnado*, de Roberto Pontes a partir da sua relação com a tradição e a modernidade. É ele um dos fundadores do Grupo SIN de Literatura. Autor de grande importância na literatura brasileira, sua obra poética é composta pelos livros: *Contracanto* (1968), *Lições de Espaço* (1971), *Temporal* (1976), *Memória Corporal* (1982), *Verbo Encarnado* (1996, 2014), *Breve Guitarra Galega* (2002), *Hierba Buena/Erva Boa* (2007), *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (2010; 2014), *Lições de Tempo/ Lecciones de Tiempo* (2012) e *Os Movimentos de Cronos/Los Movimientos de Cronos* (2012) e *Livro de Beth* (2023). Ao longo do nosso trabalho realizamos um estudo de poemas de Pontes, tendo como base a Teoria da Residualidade por ele sistematizada. Para consecução da pesquisa e a elaboração do texto, o método utilizado foi o comparativo. Assim, buscamos subsídios no corpus teórico da Literatura Comparada, ciência propiciadora da visão de interdisciplinaridade necessária à abordagem do texto literário e das confluências históricas, sociais e culturais aí implicadas. A partir do estudo da obra poética do autor, foi possível confirmar que Roberto Pontes reconstruiu literariamente a poética característica da Antiguidade bíblica, adequando a essência desses modos poéticos ao contexto espacial e temporal de sua época, os séculos XX. Além disso, verificou-se que a metapoética faz parte do escopo da produção literária do autor, que tem a virtude de se adequar à natureza da modernidade artística. Por fim, ressalte-se que a produção artística do poeta, natural de Fortaleza, em muito contribui com a humanização da sociedade ao abordar temas universais pertinentes à essência humana, os mesmos da literatura de todos os tempos e espaços.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradição. Modernidade. Residualidade. *Verbo Encarnado*. Roberto Pontes.

**ABSTRACT:** This article analyzes *Verbo Encarnado*, of Roberto Pontes onwards its relation to the tradition and the modernity. He is one of the founders of Grupo SIN de Literatura. As an important author of Brazilian literature, his poetry is composed by the following books: *Contracanto* (1968), *Lições de Espaço* (1971), *Temporal* (1976), *Memória Corporal* (1982), *Verbo Encarnado* (1996; 2014), *Breve Guitarra Galega* (2002); *Hierba Buena/Erva Boa* (2007), *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (2010; 2014), *Lições de*

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Pós-doutora em Educação (UFC). É professora efetiva da rede estadual de ensino do estado do Ceará. E-mail: [prof.fernandadiniz@gmail.com](mailto:prof.fernandadiniz@gmail.com)

*Tempo/Lecciones de Tiempo* (2012), *Os Movimentos de Cronos/Los Movimientos de Cronos* (2012) and *Livro de Beth* (2023) Throughout this work, it is conducted a study of Pontes' poems, based on the Residualidade Theory, developed by him. In order to guide our research and elaborate the text, it was used the comparative method. Therefore, we will search subsidies in the theoretical corpus of the Comparative Literature, science that provides the necessary interdisciplinarity vision to the approach of the literary text and the historical, social and cultural confluences involved. From the study of the poetic author's work, it was possible to confirm that Roberto Pontes rebuilt literarily the poetic characteristic of the Biblical antiquity, adjusting the essence of these poetic modes to the spatial and temporal context of his time, the twentieth century. In addition, it was verified that the metapoetry belong to the scope of the author's literary production, that it has the virtue of adapting to the nature of the artistic modernity. Lastly, it highlights that the poet's artistic production, born in Fortaleza, contributed significantly to the humanization of the society when it was discussed universal themes relevant to the human essence, the same ones of all times and spaces.

**KEY WORDS:** Tradition. Modernity. Residualidade. *Verbo Encarnado*. Roberto Pontes.

## Introdução

Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros, em destaque seu nome literário, um dos fundadores do Grupo SIN de Literatura do Ceará (1967-68), é autor de grande importância das letras brasileiras e sua obra poética é o objeto de estudo deste trabalho.

Escritor atuante e profissional convicto de suas propostas, Roberto Pontes escreve poesia, crítica e ensaio. É professor aposentado do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará. De 1995 a 1998 foi Orientador das Oficinas de Poesia da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. No mesmo período, lecionou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Literatura Portuguesa e Cultura Portuguesa.

É mestre em Literatura Brasileira e Doutor em Literatura Portuguesa. Sua obra poética é composta pelos seguintes livros de poemas: *Contracanto* (1968), *Lições de Espaço* (1971), *Temporal* (1976), *Memória Corporal* (1982), *Verbo Encarnado* (1996; 2014), *Hierba Buena/Erva Boa* (2007), *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (2010; 2014), e *Lições de Tempo/Lecciones de Tiempo* (2012), *Os Movimentos de Cronos/Los Movimientos de Cronos* (2012) e *Livro de Beth* (2023).

A esses títulos acrescentemos ainda a série de poemas organizada sob o título *Breve Guitarra Galega*, publicada na *Revista Estudos Galegos 3*, em 2002, de divulgação nacional e internacional. O autor escreveu também dois livros de ensaios. O primeiro, intitulado *Poesia insubmissa afrobrasílusa* (1999), parte das memórias de Pablo Neruda (chileno), para estudar José Gomes Ferreira (português), Carlos Drummond de Andrade (brasileiro) e Agostinho Neto (angolano). Nesse livro, o poeta trabalha com conceitos teóricos próprios, a saber, os de *poesia insubmissa*, *afrobrasíluso* e *resíduo*. O

segundo livro de ensaios é *O jogo de duplos na poesia de Sá-Carneiro*, publicado em 2012, que foi laureado com o Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil 2014.

A atuação crítica de Pontes tem-se dado em revistas e jornais brasileiros como *Encontros com a Civilização Brasileira*, *Tempo Brasileiro*, *Vozes*, *Poesia Sempre*, *Jornal de Letras*, *Suplemento Literário Minas Gerais*, *Poiésis* e *Correio das Artes*.

Ao longo do trabalho, apresentamos um estudo dos poemas presentes no livro *Verbo Encarnado*, de Roberto Pontes, tendo como base a *Teoria da Residualidade Literária e Cultural*, por ele desenvolvida.

Roberto Pontes empregou o termo *residualidade* inicialmente em sua dissertação de mestrado, hoje publicada em livro, cujo título é *Poesia insubmissa afrobrasilusa* (1999), para demonstrar a presença de *resquícios* do passado que se acumulam na mente humana e são refletidos no texto de forma involuntária através de diferentes estruturas e temáticas.

A teoria aqui trabalhada parte, então, do pressuposto de que na cultura e na Literatura nada é original, tudo em sua origem é um *resíduo*. Assim, *resíduo* vem a ser o compósito de *sedimentos mentais* que remanescem de uma cultura em outra (Pontes, 1999).

As principais contribuições da *Teoria da Residualidade* são: 1. Reconhecer as mentalidades nas várias épocas e estilos fora de contribuições estanques; 2. Justificar a perplexidade teórica dos estudiosos da cultura e da Literatura ante a complexidade estética das obras de muitos autores; 3. Explicar a escorregadia questão da periodologia literária.

Para orientação da nossa pesquisa, o método de procedimento utilizado será o comparativo. Buscaremos subsídios no *corpus* teórico da Literatura Comparada, ciência que propicia a visão de interdisciplinaridade necessária à abordagem do texto literário e das confluências históricas, sociais e culturais aí implicadas. Seus critérios e conceitos, dados nesse campo de convergência, permitem a discussão sobre a *mentalidade* e os aspectos *residuais* que caracterizam os poemas de Roberto Pontes.

Ressaltemos as palavras de Carvalho sobre esse tipo de investigação literária:

O estudo comparado de literatura não se resume em paralelismos binários movidos somente por um ar de aparência entre elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente (Carvalho, 2006, p. 86).

A perspectiva comparativista traz assim, a nosso ver, a pertinência requerida a fim de abordar os aspectos residuais presentes nos poemas de Roberto Pontes a partir do reconhecimento e do estudo das características advindas de diferentes tempos e espaços. É válido destacar que a “literatura comparada é uma forma específica de

interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística” (Carvalho, 2006, p. 74).

É, pois, dessa forma que, neste artigo, será estudada a presença da tradição e da modernidade no livro *Verbo Encarnado*, de Roberto Pontes<sup>2</sup>.

### **A tradição em *Verbo Encarnado***

Neste tópico, serão estudados aspectos característicos da tradição literária que se fazem presentes nos versos de *Verbo Encarnado*, de Roberto Pontes. Affonso Ávila, no livro *O poeta e a consciência crítica*, discorre sobre o conceito de tradição aqui utilizado:

O conceito de tradição que interessa ao escritor novo compreende uma noção globalizadora, isto é, abrange além de um valor histórico um outro valor que é uma condicionante de natureza estritamente estética (quando se fala simultaneamente em tradição e em formas é prudente deixar explícito que esses termos repugnam, da maneira em que são encarados aqui, qualquer equívoco de interpretação que possa relacioná-los com a ideia ingênua que reivindica o status quo de uma forma tradicional ou com o formalismo absentéista; a tradição por nós invocada é o elemento dinâmico que dá sentido à evolução das formas – de ser, de estar, de criar – de um povo em sua trajetória nacional). Essa noção se funda obviamente numa tomada de posição crítica do escritor, que saberá discernir os traços válidos de nossa tradição criativa daquilo que, ao longo de uma história literária muitas vezes capciosa em seus levantamentos, é sustentado por velhas deformações culturais e por critérios judicativos falseados (Pontes, 1978, p. 59).

Dessa maneira, a tradição literária, compreendida como fonte recriadora de arte, será abordada neste trabalho, a partir da verificação e da análise de aspectos residuais advindos dos escritos bíblicos, que são recriados por Roberto Pontes em sua obra.

*Verbo Encarnado*, desde o título, nos dá um sintagma associado à linguagem bíblica expressada na força dos seus poemas. Em “Nota Posterior”, o poeta lembra que “encarnado é sinônimo de vermelho, havendo nas festas populares acirradas disputas entre o partido azul e o encarnado” (Pontes, 1996, p. 100). Enfatiza-se, assim, a ligação do livro com o povo brasileiro por meio das cores dos tradicionais cordões dos pastores. É importante relacionar ainda o vermelho ao símbolo da paixão, da dor e da luta por um ideal.

Quanto ao sintagma-título, é fundamental, entretanto, assinalar o destaque dado pelo autor à força deste. *Verbo Encarnado* nos remete à acepção bíblica, cujo sentido é o “verbo que se fez carne”. É o que se vê no Evangelho de João: “No princípio era o

---

<sup>2</sup> A tradição e modernidade foram temas estudados em minha tese de doutorado, intitulada “Tradição e Modernidade na obra de Roberto Pontes”. Este artigo se constitui como parte da tese. (Fortaleza: PPGL/UFC, 2017. Disponível em <http://www.tese.ufc.br>).

Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (Jo 1:1); e mais adiante: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1:14).

Verbalizar é, pois, transformar o abstrato em concreto, dar vida ao inanimado. Assim, os poemas de *Verbo Encarnado* buscam compreender o homem e o mundo em suas dimensões humana e social para assim alcançar a transformação da sociedade. Ainda no que se refere à *residualidade* bíblica, no poema “Fala sobre o Medo”, de *Verbo Encarnado*, alguns aspectos devem ser ressaltados. Vejamos o poema:

O medo medra  
no meu jardim.  
Tem as folhas afiadas  
para seu mister  
carnívoro.  
O medo luta  
com as plantas  
do meu jardim.  
As mais tenras

Ele rói  
feito bicho-gafanhoto.  
As flores  
ele mastiga  
nas espas  
dos porcos dentes.  
O medo ameaça tudo.  
As raízes  
folhas, flores  
os pistilos  
caules, galhos  
que plantei  
reguei, tratei  
com armas de operário.  
O medo medra  
no meu jardim.  
Em luta  
comigo mesmo  
eu sei  
ele é o joio  
crescendo em mim.

(Pontes, 1996, p. 58)

Os versos aludem ao medo vivido pelos cidadãos brasileiros durante o período da ditadura de 1964, durante a qual todos aqueles que fossem contra o governo de exceção eram perseguidos e severamente punidos, conforme explica o autor em “Nota Posterior”:

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 14, n. 1, 1º sem., 2024

“Fala sobre o medo”, 1974, flagrante do pânico que toma conta de todos os cidadãos brasileiros diante da perseguição oficial e oficiosa. Estas, recrudescem a cargo dos órgãos de segurança nacional e dos grupos paramilitares, contra os opositores do governo excepcional (Pontes, 1996, p. 105).

Destaquemos, no penúltimo verso do poema, a metáfora do joio aqui vista como um *resíduo* bíblico, conforme foi observado por Elizabeth Dias Martins que, em análise sobre o livro, também ressalta o contexto de terror, no qual o poema foi construído:

“Fala sobre o medo” trata do receio generalizado, entre os brasileiros que viveram a ditadura militar de 1964, de haver até entre os mais íntimos, informantes dos órgãos de segurança encarregados de detectar “ações subversivas”, segundo o entender das autoridades militares e policiais contrárias ao regime de força. Daí os versos em medida curta e irregular, mas com o ritmo (ou arritmia) de quem se sente perseguido na própria casa. Pode haver algo mais assustador do que um espião delator no jardim de uma residência? Pode haver algo mais terrífico do que uma planta carnívora disposta a deglutir o espiado? A intensificação do medo vai se dando progressivamente, através da repetição da palavra que o designa, ideia disseminada por todo o poema, concluído com o símile do joio bíblico que deve ser arrancado da boa seara. O poema de Pontes nos oferece uma noção do clima de terror vivido durante os anos cinzentos da última ditadura ocorrida no Brasil (Martins, 2014, p. 15).

Na *Bíblia*, mais especificamente no livro de Mateus, conta-se uma parábola, popularmente conhecida como a do joio e do trigo. De acordo com o texto bíblico, um homem plantou sementes no campo e nesse mesmo lugar o inimigo plantou joio. Assim, o trigo e o joio cresceram juntos. Os servos sugeriram que o joio fosse arrancado, mas o dono da plantação não concordou, pois eles poderiam, por engano, arrancar também as plantas boas. Ele então deixou o joio crescer junto com o trigo até a colheita, quando o trigo foi recolhido e o joio queimado (Mt 13:24-30). Desse modo, segundo o evangelho, durante o Juízo Final, os anjos vão separar os “filhos do maligno” (joio ou as ervas daninhas) dos “filhos do reino” (trigo).

Nos escritos bíblicos, o joio simboliza algo ruim e que traz prejuízos. A mesma concepção é expressa no poema de Pontes, no qual o medo representa um sentimento angustiante e crescente no ânimo do poeta, e contra o qual ele precisa lutar com denodo.

O trigo é símbolo de fertilidade e de vida. Nas parábolas bíblicas, o trigo representa os cristãos em oposição ao joio, que figura os incrédulos. O trigo também é usado para representar o pão na Santa Ceia. (Mt 13:24-30; Jo 12:23,24).

Publicado no livro *Verbo Encarnado*, “Cartaz de Natal” é outro poema de Roberto Pontes em que se percebe a *residualidade* bíblica. O sentimento de angústia também transparece nos dísticos que o compõem. Vejamos o poema:

Um cartaz explica esta noite fria.  
Vai preso no rastro da estrela-guia.

A festa será suja  
enquanto a vida for sabuja.

A criança será vã  
se tiver fome amanhã.

Papai Noel será o vulto  
a se perder no tumulto.

O galo será mistério  
nas portas do cemitério.

A lapinha será luto  
pelo mundo, amargo fruto.

Baltasar será o ausente  
pois o medo se presente.

A noite será feia  
enquanto houver uma cadeia.

O tempo será triste  
enquanto houver um dedo em riste.  
(Pontes, 1996, p. 63)

O poema é composto por nove dísticos, nos quais a tradicional festa natalina não é representada por meio de festas, alegrias e união, pois está marcada pelo desalento (“A festa será suja/ enquanto a vida for sabuja”), pela tristeza (“O tempo será triste/ enquanto houver um dedo em riste”) e pela privação (“A criança será vã/ se tiver fome amanhã”).

O antepenúltimo dístico cita Baltasar, que, comumente, é referendado como um dos três reis magos que visitaram Jesus ao nascer: “Baltasar será o ausente/ pois o medo se presente”. Como se nota, o medo mais uma vez se faz sentir no poema proveniente do contexto de repressão e perseguição.

É importante salientar que nas Escrituras não é feita nenhuma referência ao nome dos reis magos e nem mesmo ao número destes. Vejamos o que diz a *Bíblia*: “E, tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém. Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente, e viemos a adorá-lo” (Mt 2:1-2) e mais adiante: “E entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o

adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra". (Mt 2:11).

Vale lembrar que uma descrição dos reis magos foi feita por São Beda, o Venerável. Em seu tratado "*Excerpta et Colletanea*", assim ele relata: "Belchior era velho de setenta anos, de cabelos e barbas brancas, tendo partido de Ur, terra dos Caldeus. Gaspar era moço, de vinte anos, robusto e partira de uma distante região montanhosa, perto do Mar Cáspio. E Baltasar era mouro, de barba cerrada e com quarenta anos, partira do Golfo Pérsico, na Arábia Feliz"<sup>3</sup>. Assim, ao longo dos séculos, a representação dos três reis magos foi cristalizada na cultura e no imaginário popular.

Assim, a partir da análise de alguns dos poemas de Roberto Pontes, é possível verificar a presença da tradição bíblica e, por conseguinte, da residualidade literária.

### **A modernidade literária em *Verbo Encarnado***

Historicamente podemos entender modernidade como uma visão de mundo relacionada ao projeto de mundo moderno, empreendido em diversos momentos ao longo da Idade Moderna e consolidado com a Revolução Industrial. Está normalmente relacionada com o desenvolvimento do Capitalismo. Sobre o conceito de Modernidade Fátima Freitas Morna explica:

Ser moderno é, sem dúvida, procurar *quelque chose*, alguma coisa a colocar no lugar vazio de muitas outras que o tempo corroe e elidiu. Deixou, por isso, de ser possível aprender tudo com os velhos mestres, porque não se encontra neles "*le caractère de la beauté présente*" – e é esse que interessa ao pintor moderno. Ao afirmá-lo, instala-se, definitivamente, como medida de todas as coisas a mais determinante das fracturas que do mundo velho separam o mundo novo, aberto a pulso pelos românticos (Morna, s/d, p. 128).

Antoine Compagnon, por sua vez, ao tratar sobre os conceitos de modernidade, modernismo e moderno, esclarece:

Se o substantivo modernidade, no sentido de caráter do que é moderno, aparece em Balzac, em 1823, antes de identificar-se verdadeiramente com Baudelaire, e se modernismo, no sentido de gosto – a maioria das vezes julgado excessivo – do que é moderno, aparece em Huysmans, no "Salão de 1879", o adjetivo moderno, por outro lado, é muito mais antigo, segundo Hans Robert Jauss, que retrçou a sua história; *modernus* aparece, em latim vulgar, no fim do século V, oriundo de modo, "agora mesmo, recentemente, agora". *Modernus*

---

<sup>3</sup> A informação está disponível no site "Evangelho Quotidiano", organizado por uma equipe internacional de leigos, monges e religiosas de diversas comunidades e congregações (Benedictinos, Carmelitas, Cistercienses, Jesuítas, Comunidade Emanuel, Focolari, Fraternidades Monásticas de Jerusalém, Fraternidade de S. Pedro) que têm o objetivo de divulgar o Evangelho. <http://evangelhoquotidiano.org/whoarewe/PT/>



designa não o que é novo, mas o que é presente, atual, contemporâneo daquele que fala (Compagnon, 1996, p. 17).

Partindo, pois, desse aporte teórico, neste tópico será focalizada a metapoesia presente em *Verbo Encarnado*, de Roberto Pontes, enquanto vertente artística que demonstra claramente a relação do autor com o seu tempo e com o seu próprio fazer poético, o que configura uma postura moderna e engajada do poeta frente aos desafios do mundo que lhe é apresentado.

A metalinguagem, utilizada enquanto recurso da criação poética, não é algo recente. No entanto, é na modernidade que os estudos críticos de seus procedimentos, bem como a atenção dos artistas ganham maior proporção. Arrigucci Jr. afirma que a incorporação da própria crítica no interior do projeto de construção da obra é uma das marcas da tradição moderna (2003, p.124). Assim, conforme Brandão, a poesia incorporou em sua tessitura um “aspecto crítico e teórico” (1992, p.98). Como se sabe, o poema que problematiza a própria poesia e seu fazer técnico é recorrente na produção de poetas como Poe, Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Paul Valéry cujas obras se caracterizam também como espaços de reflexão crítica. No Brasil, são muitos os modernistas que se voltam para a metapoesia, e entre estes está João Cabral de Melo Neto, cujo trabalho é continuado pelas gerações subsequentes, inclusive pela Geração 60 no Ceará. Roberto Pontes é também um exemplo de escritor que utilizou o próprio poema para discorrer criticamente sobre a arte poética.

Roman Jakobson, no ensaio “Linguística e Poética”, trata da metalinguagem ao estudar as funções da linguagem. Quanto a essa função, ressalta: “Uma distinção foi feita, na Lógica moderna, entre dois níveis de linguagem, a ‘linguagem-objeto’, que fala de objetos, e a ‘metalinguagem’, que fala da linguagem.” (Jakobson, 1970, p. 127). A função metalinguística está, pois, centrada no código. Assim, a mensagem utiliza o código para se referir a um elemento do próprio código, ou seja, utiliza a linguagem para tratar dela mesma.

Gilberto Mendonça Teles no ensaio “Um conceito de metalinguagem na poesia brasileira”, retoma os estudos de Jakobson e explica:

Como se vê, a metalinguagem constitui um sistema linguístico que se liga a outro sistema – o da linguagem poética –, por sua vez ligado ao sistema da língua. A diferença entre os três sistemas é que o da literatura (o da poesia) se liga ao plano de expressão da língua e o da metalinguagem se liga ao seu plano de conteúdo. Tanto o da linguagem como o da metalinguagem fazem parte de um sistema potencial da língua, distinguindo-se, porém, perante o texto: a linguagem o cria; a metalinguagem o examina e recria. Mas para o fim especial desse trabalho, a metalinguagem é concebida ambigualmente, criando e dando as coordenadas teóricas do texto, de maneira a revelar as duas atitudes possíveis do poeta em face de sua concepção literária:

a) uma exterior, exposta nos textos de crítica, nos manifestos, nos prefácios (às dos outros ou às suas próprias obras), nas cartas, nos diários, entrevistas, etc.;

b) outra interior, quando a ação criadora se resolve em si mesma e o fazer poético se entremostra duplo, como tema e exemplo, como poema do poema – ou metapoema. Observe-se que no passado a atitude metalinguística é percebida na referência lexical a termos que dizem respeito à literatura, às artes (música, pintura, canto, dança), à linguagem (palavras, verbo sintaxe etc.) e às técnicas poéticas ou retóricas que o poeta diz estar usando. É esse, aliás, um dos aspectos mais característicos da moderna poesia brasileira, quando o poeta continuamente se debruça sobre os problemas da criação poética, como é o caso de Drummond e, mais recentemente, de João Cabral de Melo Neto (Teles, 1989, p. 124-125).

Na poética de Roberto Pontes, observa-se que o autor revela um olhar crítico acerca do trabalho poético, considerando o poema uma importante arma de combate. É o que se nota em “Poema por meu Poema”, que consta no livro *Verbo Encarnado*:

Diga  
diga meu poema  
mesmo com tédio, cansaço  
ou ainda em solidão.

E diga  
principalmente  
se a madrugada for longa  
se a tempestade for fria  
se longo for o combate.

Repita  
se for o caso  
quando a lua esteja em férias  
e o rosto azul das estrelas  
lhe parecer descabido.

E em qualquer caso  
repita  
para a sua namorada  
amiga, mãe, conhecida  
balconista, atendente  
secretária ou irmã  
pois ele também ajuda  
a quem quer compreensão.

Monologue o meu poema  
diga em duo  
cante em coro.  
Declamemos para o povo  
pois eu faço um canto amargo  
em tempo igual amoroso.  
Quero vê-lo repetido  
cantado, amado e sentido  
na boca pra quem o quero.

Poema de quem viveu  
só terá se completado  
no lábio de quem o fala  
pois meu intento  
quem dera  
é vê-lo libertação.  
(Pontes, 1996, p.29-30)

Observemos que ao longo de trinta e sete versos o poeta apresenta um canto de libertação por meio da arte. Para tanto, interage com o poema de modo a torná-lo um facilitador da busca pela liberdade plena.

Na primeira estrofe, o leitor é convocado a “dizer” algo, ainda que com “tédio”, “cansaço” ou “solidão”. Na estrofe seguinte, é reforçada a necessidade de vencer as dificuldades da vida e da luta: “se a madrugada for longa/ se a tempestade for fria/ se longo for o combate”.

Na terceira estrofe, o leitor é instigado a repetir o poema mesmo quando já não haja luz no caminho: “quando a lua esteja em férias/ e o rosto azul das estrelas/ lhe parecer descabido”. Na quarta estrofe, o poema é direcionado a toda a gente: “namorada”, “amiga”, “mãe”, “conhecida”, “atendente”, “secretária”, “irmã”. Desse modo, o poeta convida o leitor a unir-se a ele na luta contra a opressão, tornando assim a poesia um importante instrumento de luta. De acordo com Ivete Walty e Maria Zilda Cury:

O poeta, no ato mesmo de fazer poema, expõe seu conceito de poesia, explicitando sua função catártica, ou seja, aquela de meio de vazão dos sentimentos, de alívio mesmo de sofrimentos. Fundem-se, em seus versos, a ideia de poema e vida e, paradoxalmente, a de representação da morte [...] É como se o poeta quisesse fazer um pacto com seu leitor, dando-lhe uma chave do que entende por poesia naquele momento [...] (Walty; Cury, 1999, p. 16-17).

Na quinta estrofe, o poeta revela as condições de um tempo amargo, mas também cheio de amor, que quer compartilhar com todos: “Quero vê-lo repetido/ cantado, amado e sentido/ na boca pra quem o quero”. Por fim, o poeta conclui que “Poema de quem viveu/ só terá se completado/ no lábio de quem o fala”. Nessa perspectiva, observa-se a importância que o poeta dá ao leitor e à divulgação do seu pensamento. Segundo Nelly Novaes Coelho:

A verdadeira Arte (aquela que resulta de um ato criador) expressa algo vital para o homem, porque direta ou indiretamente ela se nutre de valores essenciais para a existência humana. Já é ponto pacífico de discussão a afirmação feita por fenomenólogos ou sociólogos, de que nós não veríamos o Universo, não o entenderíamos, nem poderíamos habitá-lo, nem mesmo conheceríamos a nós mesmos sem a perspectiva estética. É ela que condiciona nosso modo de pensar, de amar, de desejar, agir e perceber o mundo... A arte é uma espécie de ponte entre a

realidade que nos rodeia e o mundo dos valores ocultos, onde pressentimos todas as respostas para indagações essenciais que assaltam o homem, quando este toma consciência de ser um EU situado em um universo incomensurável e incompreensível (Coelho, 1993, p. 37).

### Considerações finais

Neste breve escrito focalizamos os aspectos da tradição e da modernidade, constantes nos poemas que compõem *Verbo Encarnado*, de Roberto Pontes. A partir de uma perspectiva comparativa, os poemas de Pontes foram analisados e comparados a diferentes textos bíblicos. Assim, verificamos que, tanto nos versos de Pontes quanto no texto bíblico, o homem segue seu caminho em busca de uma liberdade plena.

Assim, ao abordar aspectos da tradição na obra estudada, foi possível confirmar que Roberto Pontes reconstruiu literariamente a poética característica da Antiguidade bíblica, adequando a essência dessas líricas ao contexto espacial e temporal do século XX, mas que ainda hoje são atuais.

Neste artigo, também estudamos a modernidade na poética de Pontes, entendendo modernidade como um ideário ou mesmo visão de mundo que se relaciona diretamente à elaboração de um projeto de mundo moderno que foi empreendido em diferentes momentos ao longo da história. O foco foi dado aos metapoemas, ou seja, poemas que problematizam o fazer poético em *Verbo Encarnado*. A partir do estudo dos poemas observou-se que, na obra de Roberto Pontes, a metapoesia é um recurso relacionado fortemente à construção da poesia social e da *poesia insubmissa* que utilizam a palavra como arma de combate.

Destarte, é possível afirmar que o poeta nascido no Ceará alcança a expressão, a comunicação e a repercussão por meio de uma arte que contribui com a humanização da sociedade ao abordar temas universais da essência humana e da literatura de todos os tempos e espaços.

### Referências

- ARRIGUCCI, Jr. Davi. *Enigma e Comentários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- ARRIGUCCI, Jr. Davi. *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- ÁVILA, Affonso. *O poeta e a consciência crítica*. São Paulo: Summus, 1978.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Dom Estevão Bettencourt. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1957.
- BRANDÃO. Roberto de Oliveira. *Poemas sobre a poesia na literatura brasileira*. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1992.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2006.

- COELHO, Nelly Novaes. *Carlos Nejar e a "Geração de 60*. São Paulo: Saraiva, 1971.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*. São Paulo: Ática, 1993.
- COMPAGNON, Antoine. *Os Cinco Paradoxos da Modernidade*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. 3ª ed. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- MARTINS, Elizabeth Dias. "A Poesia insubmissa de Roberto Pontes". *Nonada: letras em revista*, v. 1, Nº 22, p. 1-15-15, 2014.
- MORNA, Fátima Freitas. "Caminhos da Modernidade: Antero, Pessoa, Campos, Nemésio". In: *Semear*. Nº 4, p. 128. S/d. Revista eletrônica disponível em 188 [http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/semiar\\_4.html](http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/semiar_4.html). Acesso em 10/10/2017.
- PONTES, Roberto. *Verbo Encarnado*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996; 2ª Ed., Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2014.
- PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Rio de Janeiro; Fortaleza: Oficina do Autor; Edições UFC, 1999.
- SILVA, Fernanda Maria Diniz da. *Tradição e modernidade na produção poética de Roberto Pontes*. 2017. 281f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2017.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Retórica do Silêncio I - Teoria e prática do texto literário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- PONTES, Roberto. *Vanguarda europeia & modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas metalinguísticos, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- WALTY, Ivete e CURY, Maria Zilda. *Textos sobre textos: um estudo da metalinguagem*. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1999.